



Use o QRCode para
acessar o Caderno
Fé e Cidadania
na internet, com
mais artigos e links
citados.

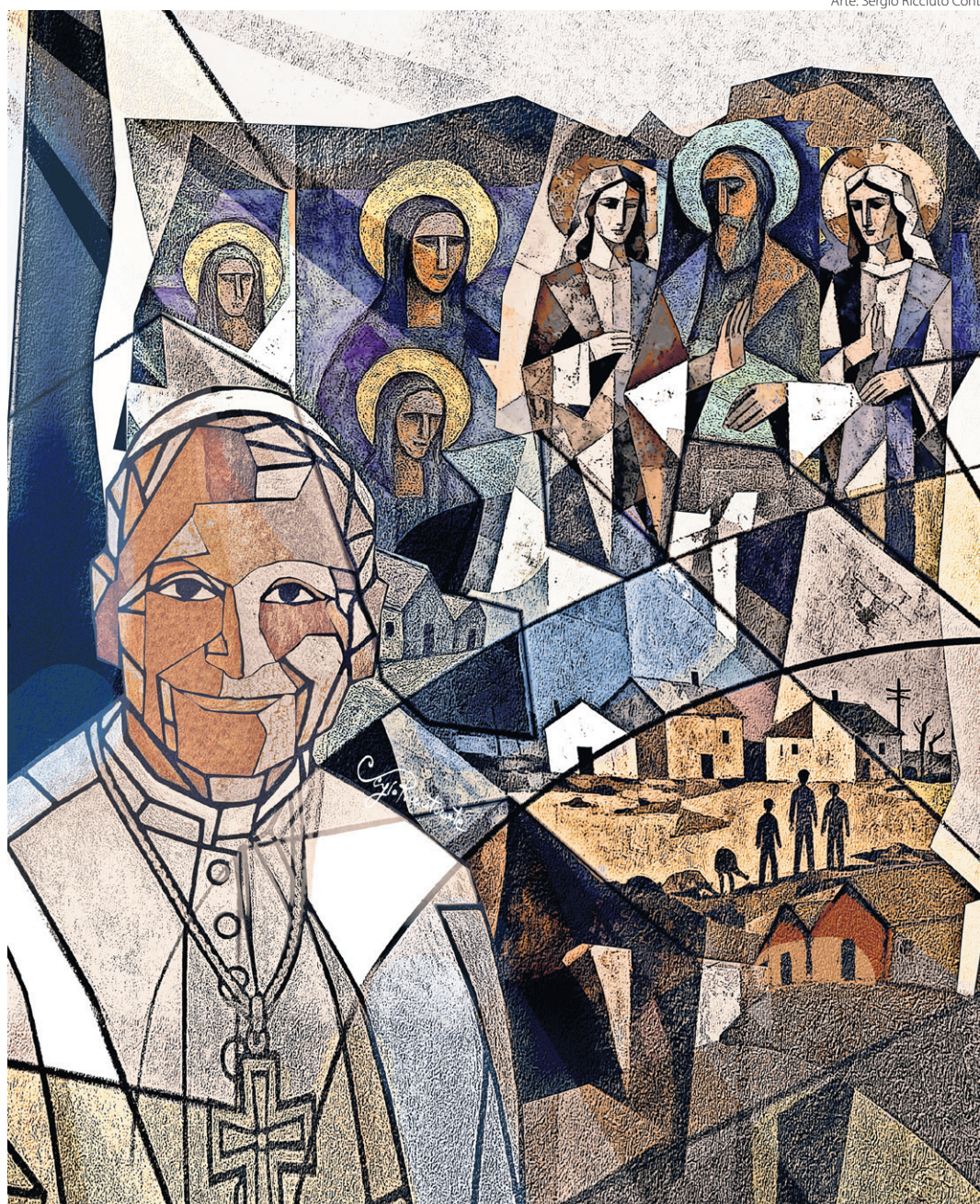
‘Dilexi te’: o amor de Deus pelo pobre e a missão dos cristãos

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

O espírito que anima [Dilexi te](#) (DT) está bem sintetizado nesta passagem (DT 110): “A realidade é que, para os cristãos, os pobres não são uma categoria sociológica, mas a própria carne de Cristo. Com efeito, não basta limitar-se a enunciar de modo genérico a doutrina da encarnação de Deus. Para entrar verdadeiramente neste mistério, é preciso especificar que o Senhor se faz carne que tem fome e sede, que está doente e na prisão. ‘A Igreja pobre para os pobres começa pelo dirigir-se à carne de Cristo. Se nos fixarmos na carne de Cristo, começamos a compreender qualquer coisa, a compreender o que é esta pobreza, a pobreza do Senhor. E isso não é fácil!’ (FRANCISCO, [Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais](#), 18/mai/2013)”.

Superando o ranço de polémicas ideológicas que remetem ao século XX, encontramos um texto exigente, mas carregado de grande ternura, que nos convida a nos identificarmos cada vez mais com o amor de Cristo pela humanidade ferida, seja como coletividade em geral, seja como pessoas específicas. Existe um vínculo fundamental entre esta exortação e [Dilexit nos](#), a última encíclica do Papa Francisco, que é um comovente retrato do amor de Deus, expresso na imagem do coração de Jesus aberto em favor de cada um de nós. É este fundamento último, o amor de Deus que se estende a toda a humanidade e a cada ser humano em particular, que motiva o compromisso cristão com os pobres, sem qualquer conotação ideológica ou moralista. Contudo, permanece falha e ilusória toda declaração de amor a Deus que não se manifeste também como amor aos pobres, seja por comodismo pessoal, seja por preconceitos ideológicos ou mesmo um espiritualismo desencarnado.

O texto apresenta inúmeras citações desta vinculação entre o amar a Deus e o amor ao próximo nos Evangelhos. Por exemplo: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40, em DT 5); “No início da sua vida pública, Jesus foi expulso



Arte: Sergio Ricciuto Conte

Com sua primeira exortação apostólica, Leão XIV confirma a continuidade da longa história que associou os pobres à Boa-Nova cristã, desde suas origens. Boa parte do documento é dedicado à recordação de como o amor aos pobres já está presente no Antigo Testamento, na vida de Jesus e nas primeiras comunidades cristãs, chegando, em uma corrente ininterrupta, até os nossos dias. Com isso, o Pontífice deixa claro que a “opção preferencial pelos pobres” não é um modismo ideológico de certo contexto eclesial, mas sim um elemento essencial da vida cristã.

de Nazaré depois de ter anunciado na sinagoga que se cumpria Nele o ano da graça no qual os pobres se rejubilam” (cf. Lc 4,14-30)” (DT 19); “Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir” (Lc 14,14, em DT 27).

O Papa também lembra este amor ao longo da história da Igreja: São Lourenço [...] ao ser obrigado pelas

autoridades romanas a entregar os tesouros da Igreja, trouxe consigo, no dia seguinte, os pobres. Quando lhe perguntaram onde estavam os tesouros que prometera, mostrou os pobres, dizendo: ‘Estes são os tesouros da Igreja’. Que melhores tesouros teria Cristo do que aqueles nos quais Ele mesmo disse que estava?” (DT 38); “São Basílio Magno, na sua Regra, não via contradição entre a vida

de oração e recolhimento dos monges e a ação em favor dos pobres [...] Os monges, mesmo depois de terem deixado tudo para abraçar a pobreza, deveriam ajudar os mais pobres” (DT 53); “No século XIII [...] o Espírito Santo suscitou na Igreja um novo tipo de consagração: as Ordens mendicantes [...] como os Franciscanos, os Dominicanos, os Agostinianos e os Carmelitas [...] O testemunho dos mendicantes desafiava tanto a opulência clerical quanto a frieza da sociedade urbana” (DT 63).

Os exemplos se repetem ao longo da história, chegando a Santa Teresa de Calcutá e Santa Dulce dos Pobres (DT 77, 78) Algumas citações dos papas recentes poderão até surpreender, por sua força e radicalidade: “São Paulo VI, na Audiência Geral de 11 de novembro de 1964, sublinhou que o pobre é representante de Cristo” (DT 85); “São João Paulo II recordava-nos de que ‘há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles’ ([Novo millennio ineunte](#), NMI 49)” (DT 79).

Nos tempos atuais, contudo, o aspecto mais polêmico do amor aos pobres é a necessidade de ir além de uma postura apenas assistencialista, assumindo que ela implica programas efetivos de promoção humana e, inclusive, em mudanças político-econômicas estruturais. Leão XIV não se detém diante destes aspectos. A exortação é firme em afirmar: “A caridade é uma força que muda a realidade, um autêntico poder histórico de transformação. Esta é a fonte da qual deve nutrir-se todo o compromisso para resolver as causas estruturais da pobreza e para o fazer com urgência” (DT 91); “Devemos empenhar-nos cada vez mais em resolver as causas estruturais da pobreza” (DT 94); “As estruturas de injustiça devem ser reconhecidas e destruídas com a força do bem, por meio da mudança de mentalidades e, também, com a ajuda da ciência e da técnica, por meio do desenvolvimento de políticas eficazes na transformação da sociedade” (DT 97).

* Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Por meio dos pobres, Deus fala com a Igreja

Filipe Domingues*

A fé se torna concreta por meio da misericórdia e do serviço aos pobres. Assim refletiu o Cardeal Michael Czerny, Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e um dos principais colaboradores do Papa em questões sociais, durante a coletiva de imprensa que apresentou a exortação apostólica *Dilexi te* ('Eu te amei'), na quinta-feira, 9.

"Ao curar as feridas, sejam elas físicas, sociais ou espirituais, a Igreja proclama que o Reino de Deus acolhe os vulneráveis", afirmou. "A pobreza, um enorme problema social, é também um tema teológico: por meio dos pobres, Deus fala à Igreja."

O Cardeal observou que promover o desenvolvimento humano integral, de acordo com a Doutrina Social da Igreja, entrelaça educação, Eucaristia e serviço: "A educação é o primeiro ato de justiça, porque liberta as pessoas da pobreza espiritual e as prepara para a responsabilidade social".

"A Eucaristia reúne pessoas diversas, alimenta a comunidade e a envia à caridade e à solidariedade", disse, ainda. Já o serviço "é o amor social em forma concreta: cuidar dos pobres e da nossa casa comum". Dessa forma, "a Igreja oferece misericórdia ao mundo, promovendo uma civilização na qual cada pessoa é reconhecida como imagem de Deus".

Segundo o Cardeal Czerny, na exortação apostólica *Dilexi te*, o Papa Leão XIV une-se ao Papa Francisco ao declarar: "Não haverá paz enquanto os pobres e o planeta forem negligenciados e maltratados."

Ele apresentou o documento como parte do Magistério e da Doutrina Social da Igreja, por meio dos ensinamentos do Papa Leão XIV, em seu primeiro documento, construído sobre as bases de seus antecessores, e explicou o motivo de ser uma exortação apostólica.



Exortação apostólica *Dilexi te* é assinada pelo Papa em 4 de outubro, dia de São Francisco

"Uma exortação apostólica permite que o Papa possa se concentrar em um ponto, um tema específico. Uma encíclica seria um documento mais amplo e mais complexo. A exortação permite que ele se dedique a responder a apenas uma questão", disse o Cardeal.

A urgência da pobreza. Esmoleiro do Papa, o Cardeal Konrad Krajewski, Prefeito do Dicastério para o Serviço da Caridade, também falou durante a apresentação do documento, que ocorreu na Sala de Imprensa do Vaticano.

Ele, que é o principal responsá-

vel pela distribuição de recursos da Santa Sé para obras de caridade e, diretamente, às pessoas em situação de rua na cidade de Roma, destacou a urgência que a pobreza causa na vida dos mais necessitados; e que a Igreja e a sociedade devem responder a essas situações com o mesmo senso de imediatez.

"Jesus saía para buscar as pessoas, aqueles que precisavam de sua intervenção. E as curava imediatamente. No mesmo dia. Dava respostas na hora, não deixava para depois", refletiu. Em sua visão, embora seja preciso trabalhar para resolver as questões estruturais que causam a pobreza, é preciso atender ao pobre "agora".

"No Evangelho existe o hoje. O amanhã não é seguro. Ontem é a história. Isso vemos no Evangelho em muitas partes", contou. "É bonito ver como na *Dilexi te*, o Papa Leão XIV apresenta a milenária atenção da Igreja em relação aos pobres, com os pobres, em um caminho ininterrupto da vida da Igreja", disse. "É preciso sair e compreender as verdadeiras necessidades dos pobres. Eles são a garantia de uma Igreja fiel ao coração de Deus."

O Cardeal Krajewski também falou um pouco sobre o trabalho da Esmolaria Apostólica – hoje chamada de Dicastério para o Serviço da Caridade – e a vontade dos papas de continuar a trabalhar com cuidado especial aos pobres.

"O Papa Francisco me pediu para sair às ruas, não viver só no Vaticano, no escritório, e falou: 'Você se encontrará no centro do Evangelho'. O Papa Leão XIV me disse: 'Vamos continuar.' Nós somos o pronto-socorro do Papa, a ambulância sempre pronta para partir e ajudar os mais necessitados. Esse documento nos diz que, por meio dos séculos, a Igreja sempre estará pronta para ajudar os pobres."

* Especial para O SÃO PAULO na Cidade do Vaticano

INTERNACIONAL

ANSA – ITÁLIA

Primeiro documento do Papa, 'Dilexi te' destaca necessidades dos pobres

AVVENIRE – ITÁLIA

Leão XIV e a exortação sobre os pobres: a caridade muda o mundo

AMERICA MAGAZINE – EUA

Papa Leão em seu primeiro documento importante: O amor pelos pobres não é opcional para os cristãos

EL PAÍS – ESPANHA

Leão XIV dedica seu primeiro documento aos pobres

MANCHETES DA MÍDIA

CORRIERE DELLA SERA – ITÁLIA

Papa Leão, a primeira exortação apostólica: 'Quem diz amar a Deus e não tem compaixão pelos necessitados mente'

RELIGIÓN DIGITAL – ESPANHA

'Dilexi te': Leão surpreende com Evangelho puro

RENASCENÇA – PORTUGAL

'Dilexi te': Leão XIV e Francisco unidos no amor aos pobres

THE NEW YORK TIMES – EUA

Papa Leão exorta os cristãos a cuidarem dos pobres em seu primeiro ensinamento

NACIONAL

GAZETA DO POVO

Em 'Dilexi te', Leão XIV defende os pobres sem recorrer a 'pobrismos'

FOLHA DE S. PAULO

Leão XIV publica primeiro documento de alto nível do papado

O ESTADO DE S. PAULO

Papa Leão XIV critica ricos em 1º documento de alto nível de seu papado

VEJA

Leão XIV faz críticas às políticas de Trump em primeiro grande documento de seu papado

O amor aos pobres

Domingos Zamagna*

O Papa Leão XIV, filho de Santo Agostinho, certamente se lembra sempre do que ensinou o grande teólogo ao comentar o capítulo 25 de São Mateus, que ele cita quase trezentas vezes em sua obra: “O Cristo está necessitado quando o pobre está necessitado” (*Eget Christus quando eget pauper*). Nenhuma palavra, nenhum gesto deve haver na Igreja que não tenha como escopo a busca de identificação com Jesus Cristo. Nada deveria nos desviar desse caminho. Isso quer dizer que na atenção que dermos à imensidão de pobres que encontramos na vida, está um caminho seguro para a nossa salvação. Quando os Evangelhos quiseram condensar a doutrina cristã em poucas palavras, colocaram os pobres na base de todo o dinamismo das Bem-Aventuras (cf. Mt 5,3; Lc 6,20).

Padre José Comblin, teólogo e missionário belga que trabalhou décadas no Brasil, costumava dizer que é diante do pobre que nossa liturgia, teologia, catequese, direito... começam a tropeçar. O engajamento pela evangelização dos pobres (cf. 7,19-23) é a pedra de toque para sabermos se somos realmente – ou não – homens e mulheres do Evangelho.

Quando a mística cristã quis nos propor a imitação radical da pobreza de Nosso Senhor, usou a imagem do Crucificado desnudo sobre a cruz. O cristão segue nu o Cristo nu (*Nudus nudum Christus sequi*). Lá estava o mais pobre dos seres humanos, para vencer as causas da nossa pobreza (material, social, moral, cultural). Mas também para dotar a sua comunidade de um constante espírito de pobreza evangélica.

No coração da Igreja. Por isso, é motivo de imensa alegria ver o Santo Padre Leão XIV desde este início de pontificado, como sucessor do chefe dos Apóstolos, dar-nos este precioso texto: uma exortação para não só “não esquecermos dos pobres” (Gl 2,10), mas fazer desta reflexão uma verdadeira e robusta ação eclesial. Na qualidade de Pastor supremo, direciona-nos para o que há de mais importante nos tempos atuais: o cuidado amoroso com os mais fracos, míseros e sofredores. O Papa está falando de uma realidade que ele conhece de perto, em todas as latitudes, provavelmente mais até que seu predecessor, o Papa Francisco, com o qual mostra entusiasmo sintonia evangélica.

De todos os seres do planeta, sobre os quais pesa tão vasta responsabilidade moral, o que foi chamado para ser o Bom Pastor universal torna-se o arauto da

A primeira exortação apostólica de Leão XIV repropõe a centralidade dos pobres na doutrina cristã, destacando a identificação com Jesus Cristo por meio do amor e do cuidado pelos mais necessitados. A Igreja tem a missão de ser solidária, crítica e ativa na promoção da dignidade dos excluídos, não por ativismo social, mas por sua própria natureza religiosa.

contemplanção do amor de Jesus Cristo como fundamento para nossa participação na sua obra de libertação.

Leão XIV deixa claro que “o coração da Igreja, por sua própria natureza, é solidário com os pobres, excluídos e marginalizados, com todos aqueles que são considerados descartáveis pela sociedade”. Por isso, ele chama nossa atenção para a natureza quenótica da Igreja (cf. Fl 2,7), uma Igreja despojada, esvaziada, libertada de tudo o que possa contribuir para desfigurar a face do Salvador. Por isso, ela deve se configurar, comunitariamente, com o escravo, o último dos seres humanos.

Em um olhar pelo mundo, da Ucrânia à Faixa de Gaza, mas também

mais perto de nós, encontramos sociedades polarizadas, disseminação de ódio, uma desconfiança generalizada, a ponto de aumentar sensivelmente, como jamais se viu, a produção, armazenamento, venda e contrabando de armas. Até os alimentos e a água têm sido usados como ameaça e prática de extermínio, verdadeira manifestação de irracionalidade.

Nesse âmbito, a Igreja tem sido corajosa em denunciar a ganância dos poderosos, oferecer-se para promover diálogo e negociações, jamais desperdiçando as oportunidades para sua ação em prol da justiça e da paz. O Santo Padre historia didaticamente a longa tradição da Igreja no serviço pastoral



Detalhe da Obra “Crucificação” de Diego Velázquez

Os cinco capítulos da exortação apostólica *Dilexi te*, sobre o amor pelos pobres

Redação

Introdução. O cuidado com os pobres ilumina os cristãos desde os tempos evangélicos. O amor aos pobres toca a essência da fé: são “a própria carne de Cristo”.

Capítulo 1: Algumas palavras indispensáveis. Desenvolve o tema do nexo profundo entre amor de Cristo e amor aos pobres, revelando importância da caridade. Mostra que a “opção preferencial pelos pobres” sempre pode renovar a Igreja e a sociedade. O Capítulo ainda critica a ilusão de felicidade baseada em riqueza que alimenta a cultura do descartável e a indiferente ao sofrimento.

Capítulo 2: Deus escolhe os pobres. Deus é amor misericordioso que se manifesta em Cristo, que, em sua encarnação e crucificação, vive uma pobreza radical. Existe a “opção preferencial de Deus pelos pobres”, revelada plenamente em Jesus, pois Cristo se apresenta como Messias pobre e para os pobres.

Capítulo 3: Uma Igreja para os pobres. A Igreja sempre cuidou dos pobres, desde as primeiras comunidades mostradas nos Atos dos Apóstolos. Essa atenção está patente nos Padres da Igreja, nas congregações e ordens mendicantes, na educação dos pobres e no acompanhamento de migrantes e doentes.

Capítulo 4: Uma história que continua. A Doutrina Social da Igreja sempre enfatizou a solidariedade com os pobres. Esta mesma ênfase encontramos em São João XXIII, São Paulo VI, São João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

Capítulo 5: Um desafio permanente. Os cristãos devem considerar os pobres como uma questão familiar: “são dos nossos”. O mundo necessita de uma Igreja sem limites ao amor, necessita que o compromisso e o trabalho dos cristãos favoreça a transformação das estruturas injustas, para que os pobres possam se reconhecer nas palavras de Jesus: “Eu te amo”.

aos pobres, desde o Novo Testamento, passando pela Patrística, as inúmeras iniciativas desde a Idade Média até à contemporaneidade, com nomes e instituições que nos edificam, diante dos quais nos sentimos muito pequenos, sobretudo porque hoje teríamos mais recursos para a eficiência no combate à pobreza material.

Também caminho pedagógico. A Santa Sé publica com regularidade os relatórios da imensa atividade caritativa da Igreja (escolas em todos os níveis, hospitais, distribuição de alimentos e vestuário, abrigos, pesquisas para a proteção e melhoria da vida de populações indígenas, trabalhadores rurais e urbanos, fomento de postos de trabalho, imigrantes, combate ao desperdício, obras de prevenção, amparo nas calamidades, direito a crédito não abusivo etc. sem jamais esquecer do cuidado espiritual com os pobres). Os católicos que puderem deveriam até ser mais generosos sobretudo nas ofertas para o “Óbulo de São Pedro”, as coletas realizadas no final de todos os meses de junho em todas as Paróquias para a provisão de recursos que o Santo Padre destina aos pobres, católicos ou não, de todas as partes do mundo. E deveríamos nos conscientizar mais da necessidade de uma cultura de doação para atender às necessidades dos que vivem marginalizados do usufruto dos bens que a humanidade produz.

A Igreja, contudo, não é uma corporação filantrópica entre tantas. Todas essas iniciativas, ao lado de realizações de comprovada eficácia, e de transparente prestação de contas, são também pedagógicas para aperfeiçoar a vida humana. Não é humano querer apenas banir os pobres ou deixá-los longe da vista. O Papa recorda que a religião não deve ser confinada à vida privada. E nos deixa uma reflexão decisiva, em que vemos a voz do atual Papa somando e reverberando a voz profética de seus antecessores: “Qualquer comunidade da Igreja que pretender subsistir tranquila sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos, correria também o risco de sua dissolução, mesmo que fale de temas sociais e critique os governos. Facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios”.

Amar e servir aos pobres, com os quais o Cristo se identificou, e nos tornarmos uma Igreja serva e pobre, é uma solicitude religiosa privilegiada e prioritária.

O amor aos pobres, dos tempos evangélicos à realidade latino-americana

Redação

No início do seu ministério público, Jesus apresenta-se na sinagoga de Nazaré lendo o livro de Isaías e aplicando a si mesmo a palavra do profeta: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18; cf. Is 61,1). Ele se manifesta, portanto, como Aquele que, no hoje da história, vem realizar a proximidade amorosa de Deus, que em primeiro lugar é obra de libertação para quem está prisioneiro do mal, para os fracos e os pobres. Na verdade, os sinais que acompanham a pregação de Jesus são manifestações de amor e compaixão com as quais Deus olha para os doentes, os pobres e os pecadores que, em virtude da sua condição, eram marginalizados na sociedade, inclusivamente pela religião [...] Ele proclama: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20). Efetivamente, Deus mostra predileção pelos pobres: a eles primeiramente se dirige a palavra de esperança e libertação do Senhor e, por isso, ninguém, apesar da condição de pobreza ou fraqueza, deve sentir-se abandonado [...] “Deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (*Evangelii gaudium*, EG197).

A Carta de São Tiago lança aos fiéis dois apelos muito fortes que questionam a sua fé: “De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento cotidiano, e um de vós lhes disser: ‘Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome’, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,14-17).

Quando Paulo foi a Jerusalém para consultar os Apóstolos [...] foi-lhe pedido que não se esquecesse dos pobres (cf. Gl 2,10). Ele, então, organizou diversas coletas para ajudar as comunidades pobres. Entre as motivações que oferece para tal gesto, merece destaque a seguinte: “Deus ama quem dá com alegria” (2 Cor 9,7). Para aqueles entre nós pouco inclinados a gestos gratuitos sem qualquer

interesse, a Palavra de Deus indica que a generosidade em favor dos pobres é um verdadeiro bem para quem a pratica: efetivamente, ao agir assim somos amados por Deus de maneira especial. (*Dilexi te*, DT 21-33)

Os Padres da Igreja e os pobres. 39. Desde os primeiros séculos, os Padres da Igreja reconheceram no pobre um acesso privilegiado a Deus, um modo especial para O encontrar. A caridade para com os necessitados [...] era expressão concreta da fé no Verbo encarnado [...] Santo Inácio de Antioquia exortava os fiéis a não descuidarem o dever da caridade para com os mais necessitados, alertando-os a não proceder como os que se opunham a Deus [...] O Bispo de Esmirna, Policarpo, recomendava precisamente aos ministros da Igreja o cuidado dos pobres: “Os presbíteros também sejam compassivos, misericordiosos para com todos. Tragam

de volta os desgarrados, visitem todos os doentes, não descuidem da viúva, do órfão e do pobre, mas sejam sempre solícitos no bem diante de Deus e dos homens [...] São Justino destaca que, no centro da liturgia cristã, não se podem separar o culto a Deus da atenção aos pobres [...] São João Crisóstomo [proclama]: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres” [...] Para Santo Ambrósio, [...] a esmola é justiça restabelecida, não um gesto paternalista [...] Santo Agostinho [considera que] o pobre não é apenas alguém a quem se presta auxílio, mas é presença sacramental do Senhor. Sustentava que as ofertas, quando nascidas do amor, não aliviam apenas a necessidade do irmão, mas purificam também o coração de quem as dá. (*Dilexi te*, DT 39-48)

Cuidar dos enfermos. No século XVI, São João de Deus fundou a Or-

dem Hospitalar que criou hospitais modelo que acolhiam a todos [...] São Camilo de Lellis fundou a Ordem dos Ministros dos Enfermos, – os Camilianos –, assumindo como missão servir os doentes com dedicação total. Cuidando dos doentes com carinho maternal, como uma mãe cuida de seu filho, muitas mulheres consagradas desempenharam um papel ainda mais disseminado no cuidado sanitário dos pobres. As Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, as Irmãs Hospitalares, as Pequenas Servas da Divina Providência e tantas outras congregações femininas tornaram-se presença materna e discreta em hospitais, asilos e casas de saúde. 52. Hoje, esse legado continua em hospitais católicos, postos de saúde em regiões periféricas, missões sanitárias nas selvas, centros de acolhimento para toxicodependentes e hospitais de campanha em zonas de guerra. A presença cristã junto aos doentes revela que a salvação não é ideia abstrata, mas gesto concreto. No gesto de limpar uma ferida, a Igreja proclama que o Reino de Deus começa entre os mais vulneráveis. E ao fazer isso, permanece fiel Àquele que disse: “Adoeci e visitastes-me” (Mt 25,36). Quando a

Igreja se ajoelha diante de um leproso, criança desnutrida ou moribundo anônimo, ela realiza a sua vocação mais profunda: amar o Senhor onde Ele está mais desfigurado.

(*Dilexi te*, DT 50-52)

O cuidado com os pobres na vida monástica.

A vida monástica, nascida no silêncio dos desertos, foi desde o início um testemunho de solidariedade [...] São Basílio Magno, na sua Regra, não via contradição entre a vida de oração e recolhimento dos monges e a ação em favor dos pobres. Para ele, a hospitalidade e o cuidado com os necessitados eram parte integrante da espiritualidade monástica [...] Os mosteiros beneditinos, com o tempo, tornaram-se lugares que contrastavam a cultura da exclusão. Os monges cultivavam a terra, produziam alimentos, preparavam remédios e ofereciam-nos, com simplicidade, aos mais necessitados. O seu trabalho silencioso foi fermento de uma nova civilização, na qual os pobres não eram um problema a resolver, mas irmãos e irmãs a acolher [...] Eles não apenas ajudavam os pobres: tornavam-se próximos deles, irmãos no mesmo Senhor [...] A tradição monástica ensina, portanto, que oração e caridade, silêncio e serviço,



A maior riqueza da Igreja. São Lourenço [que foi queimado vivo, em 258, justamente pelo episódio narrado a seguir e por isso é representado com uma grelha nas mãos, N.d.E.], diácono em Roma no pontificado do Papa Sixto II, ao ser obrigado pelas autoridades romanas a entregar os tesouros da Igreja, trouxe consigo, no dia seguinte, os pobres. Quando lhe perguntaram onde estavam os tesouros que prometera, mostrou os pobres, dizendo: “Estes são os tesouros da Igreja”. Ao narrar este episódio, Ambrósio per-

gunta: “Que melhores tesouros teria Cristo do que aqueles nos quais Ele mesmo disse que estava?” E, recordando que os ministros da Igreja não devem jamais trair o cuidado dos pobres e, menos ainda, acumular bens em benefício próprio, afirma: “É necessário que cada um de nós cumpra esta obrigação com fé sincera e perspicaz providência. Sem dúvida, se alguém desvia alguma coisa para utilidade própria, isto é crime; mas, se o dá aos pobres, resgata-se o cativo, isto é misericórdia.” (*Dilexi te*, DT 38)

celas e hospitais, formam um único tecido espiritual. *(Dilexi te, DT 53-58)*

Testemunhas da pobreza evangélica. No século XIII, diante do crescimento das cidades, da concentração de riquezas e do surgimento de novas formas de pobreza, o Espírito Santo suscitou na Igreja um novo tipo de consagração: as Ordens mendicantes [...] Não apenas serviam os pobres: tornavam-se pobres com eles. [...] Essas Ordens, como os Franciscanos, os Dominicanos, os Agostinianos e os Carmelitas, representaram uma revolução evangélica [...] Seu testemunho desafiava tanto a opulência clerical quanto a frieza da sociedade urbana. São Francisco de Assis tornou-se o ícone dessa primavera espiritual. Tomando por esposa a pobreza, quis imitar Cristo pobre, nu e crucificado. Em sua Regra, pede aos irmãos que “não tenham propriedade sobre coisa alguma”. A sua vida foi um contínuo despojamento. Francisco não fundou um serviço social, mas uma fraternidade evangélica. São Domingos de Gusmão fundou a Ordem dos Pregadores com radicalidade. Desejava anunciar o Evangelho com a autoridade que brota de uma vida pobre. Livres do peso dos bens terrenos, os frades podiam dedicar-se melhor à pregação. *(Dilexi te, DT 63-66)*

Libertar os cativos. Entre o final do século XII e os inícios do século XIII, quando muitos cristãos eram capturados no Mediterrâneo ou escravizados em guerras, surgiram duas ordens religiosas: a Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos (Trinitários) e a Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria das Mercês (Mercedários [...] com o carisma específico de libertar os cristãos escravizados, colocando os seus bens à disposição e, muitas vezes, oferecendo a própria vida em troca [...] A missão da Igreja, quando fiel ao seu Senhor, é sempre proclamar a libertação. Ainda em nossos dias, nos quais “milhões de pessoas – crianças, homens e mulheres de todas as idades – são privadas da liberdade e constrangidas a viver em condições semelhantes às da escravatura”, [FRANCISCO. [Mensagem para o XLVIII Dia Mundial da Paz](#)] esta herança é continuada por estas Ordens e por outras instituições e congregações que atuam em periferias urbanas, zonas de conflito e corredores de migração. Quando a Igreja se inclina para quebrar as novas correntes que prendem os pobres, ela setorna sinal da Páscoa. *(Dilexi te, DT 60-61)*

Acompanhar os migrantes. A experiência da migração acom-

Sinal de caridade para o mundo. A santidade cristã floresce, com frequência, nos lugares mais esquecidos e feridos da humanidade. Os mais pobres entre os pobres – que não apenas carecem de bens, mas também de voz e do reconhecimento da sua dignidade – ocupam um lugar especial no coração de Deus. São os preferidos do Evangelho, os herdeiros do Reino (cf. Lc 6,20). É neles que Cristo continua a sofrer e a ressuscitar. É neles que a Igreja reencontra o chamamento a mostrar a sua realidade mais autêntica.

Santa Teresa de Calcutá tornou-se ícone universal da caridade vivida até o extremo em favor dos mais indigentes, descartados pela sociedade [...] Recolhia os rejeitados, lavava as suas feridas, acompanhava-os até ao momento da morte com uma ternura que era prece. O seu amor pelos mais pobres entre os pobres fazia com que se ocupasse não somente de atender suas necessidades materiais, mas também de lhes anunciar a Boa-Nova do Evangelho: “Queremos proclamar a boa nova aos pobres de que Deus os ama, de que nós os amamos, de que eles são alguém para nós, de que eles foram criados pela mesma

mão amorosa de Deus, para amar e ser amados. Os nossos pobres são ótimas pessoas, pessoas muito amáveis, eles não necessitam da nossa pena ou compaixão, eles precisam do nosso amor compreensivo. Eles precisam do nosso respeito; eles precisam que os tratemos com dignidade” [...] Ela mesma disse: “O fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé; o fruto da fé é o amor; o fruto do amor é o serviço, o fruto do serviço é a paz” [...].

No Brasil, Santa Dulce dos Pobres – conhecida como o “anjo bom da Bahia” – encarnou o mesmo espírito evangélico com feições brasileiras [...] Irmã Dulce enfrentou a precariedade com criatividade, os obstáculos com ternura, a carência com fé inabalável. Começou acolhendo doentes em um galinheiro, e dali fundou uma das maiores obras sociais do país. Atendia milhares de pessoas por dia, sem jamais perder a doçura. Fez-se pobre com os pobres por amor ao sumamente Pobre. Vivia com pouco, rezava com fervor e servia com alegria. A sua fé não a retirava do mundo, mas lançava-a ainda mais profundamente nas dores dos últimos.

(Dilexi te, DT 76-78)

panha a história do povo de Deus. Abraão parte sem saber para onde vai; Maria e José fogem com o Menino para o Egito. O próprio Cristo viveu entre nós como estrangeiro. Por isso, a Igreja sempre reconheceu nos migrantes uma presença viva do Senhor. No século XIX, quando milhões de europeus emigravam em busca de melhores condições de vida, dois grandes santos se destacaram no cuidado pastoral dos migrantes: São João Batista Scalabrini, fundador dos Missionários de São Carlos, e Santa Francisca Xavier Cabrini, nascida na Itália e naturalizada estadunidense, a primeira cidadã dos Estados Unidos a ser canonizada [...] A tradição da atividade da Igreja junto aos migrantes prosseguiu e hoje esse serviço expressa-se em iniciativas como os centros de acolhimento para refugiados, as missões nas fronteiras, e os esforços de Caritas Internacional e de outras instituições. *(Dilexi te, DT 73-75)*

A tradição latino-americana. No pós-Concílio, em quase todos os países da América Latina, sentiu-se com muita força a identificação da Igreja com os pobres e a participação ativa na sua redenção. Era o próprio coração da Igreja que se movia diante de tantos pobres afligidos pelo desemprego, subemprego e salários miseráveis, obrigados a viver em condições deploráveis. O martírio de São Oscar Romero, Arcebispo de San Salvador, foi ao mesmo tempo um testemunho e uma exortação viva para a Igreja [...] As Conferências do Episcopado Latino-Americano e Caribenho (CELAM) em Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida constituem etapas significativas também para toda a Igreja. Eu mesmo, missionário no Peru durante tantos anos, devo muito a este caminho de discernimento eclesial. *(Dilexi te, DT 89)*

Um permanente desafio. Escolhi recordar esta história milenária de atenção eclesial aos pobres e com os pobres para mostrar que ela é parte essencial do caminho ininterrupto da Igreja. O cuidado com os pobres faz parte da grande Tradição da Igreja, como um farol de luz que, a partir do Evangelho, iluminou os corações e os passos dos cristãos de todos os tempos. Portanto, devemos sentir a urgência de convidar todos a entrar neste rio de luz e vida que provém do reconhecimento de Cristo no rosto dos necessitados e dos sofredores [...] Como Corpo de Cristo, a Igreja sente como sua própria “carne” a vida dos pobres, que são parte privilegiada do povo a caminho. Por isso, o amor aos pobres – seja qual for a forma dessa pobreza – é a garantia evangélica de uma Igreja fiel ao coração de Deus. *(Dilexi te, DT 103)*



Luciney Martins/O SÃO PAULO

O amor aos pobres, a partir do amor de Deus

Redação

“Eu te amei” (Ap 3,9), diz o Senhor a uma comunidade cristã que, ao contrário de outras, não tinha qualquer relevância ou recurso e estava exposta à violência e ao desprezo: “Tens pouca força, mas [...] farei que [...] venham prostrar-se a teus pés” (Ap 3,8-9). Este texto recorda as palavras do cântico de Maria: “Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos, encheu de bens e aos ricos, despediu de mãos vazias” (Lc 1,52-53).

A declaração de amor do Apocalipse remete ao mistério insondável que foi aprofundado pelo Papa Francisco na Encíclica [Dilexit nos](#) (DN). Nela, admiramos o modo como Jesus se identifica “com os últimos da sociedade” e como, por meio do seu amor doado até ao fim, mostra a dignidade de cada ser humano, sobretudo quando é “mais fraco, mísero e sofredor” (DN 170). Contemplar o amor de Cristo “ajuda-nos a prestar mais atenção ao sofrimento e às necessidades dos outros, e torna-nos suficientemente fortes para participar na sua obra de libertação, como instrumentos de difusão do seu amor” (DN 171).

[...] “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40). Não estamos no horizonte da beneficência, mas no da Revelação: o contato com quem não tem poder nem grandeza é um modo fundamental de encontro com o Senhor da história. Nos pobres, Ele tem algo a dizer-nos [...] A condição dos pobres representa um grito que, na história, interpela constantemente a nossa vida, as nossas sociedades, os sistemas políticos e econômicos e, sobretudo, a Igreja. No rosto ferido dos pobres, encontramos impresso o sofrimento dos inocentes e, portanto, o próprio sofrimento de Cristo [...]

Deus é amor misericordioso e o seu projeto de amor é primeiramente o seu descer e vir estar entre nós para nos libertar da escravidão, dos medos, do pecado e do poder da morte. Ele dirigiu-se às suas criaturas com olhar misericordioso, preocupando-se com a sua condição humana e, portanto, com a sua pobreza. Para partilhar os limites e as fraquezas da nossa natureza humana, Ele mesmo se fez pobre [...] Por isso, pode-se falar, também teologicamente, sobre uma opção preferencial de Deus pelos pobres. Esta “preferência” nunca diz respeito a um exclusivismo ou a uma discriminação em relação a outros grupos [...] Pretende sublinhar o agir de Deus que, por compaixão, se dirige à pobreza e à fraqueza da humanidade inteira e que, querendo inaugurar um Reino de justiça, fraternidade e solidariedade, tem afeto particular por aqueles que são discriminados e oprimidos, pedindo também a nós, sua Igreja, uma decidida e radical posição em favor dos mais fracos. (*Dilexi te, DT 1-2,5,9,16*)

Selecionamos alguns trechos da Exortação Apostólica [Dilexi te](#) (DT), do Papa Leão XIV, que nos ajudam a entrar no espírito da obra.

Os pobres e o caminho da Igreja.

Há oito séculos, São Francisco provocou um renascimento evangélico nos cristãos e na sociedade do seu tempo [...] Segundo as palavras de São Paulo VI, o próprio Concílio Vaticano II segue nesta direção: “Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio”. (São Paulo VI, [Homilia na Missa da última Sessão do Concílio Vaticano II](#), 7/dez./1965). Estou convencido de que a opção preferencial pelos pobres gera uma renovação extraordinária tanto na Igreja quanto na sociedade, quando somos capazes de nos libertar da autorreferencialidade e conseguimos ouvir o seu clamor.

[...] Observar que o exercício da caridade é desprezado ou ridicularizado, como se fosse uma fixação somente de alguns e não o núcleo incandescente da missão eclesial, faz-me pensar que é preciso ler novamente o Evangelho, para não se correr o risco de o substituir pela mentalidade mundana. Se não quisermos sair da corrente viva da Igreja que brota do Evangelho, não podemos esquecer os pobres.

[...] O Apóstolo João escreve: “Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 Jo 4,20). Na sua resposta ao doutor da lei, Jesus retoma dois antigos mandamentos: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, unindo-os em um único mandamento [...] É inegável que o primado de Deus no ensinamento de Jesus é acompanhado de outro princípio fundamental, segundo o qual não se pode amar a Deus sem estender o próprio amor aos pobres. O amor ao próximo é a prova tangível da autenticidade do amor a Deus [...] Mesmo nos casos em que a relação com Deus não é explícita, o próprio Senhor nos ensina que qualquer ação de amor pelo próximo é, em algum modo, um reflexo da caridade divina: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40).

[...] A Igreja “reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e procura neles servir a Cristo” ([Lumen gentium](#), LG 8) [...] Nela “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” ([Evangelii gaudium](#), EG 48). (*Dilexi te, DT 7,15,24-26,35*)

Nenhum gesto de carinho será perdido. Os discípulos de Jesus criticaram a mulher que derramou um perfume muito precioso sobre a cabeça

dele. “Para que este desperdício? Podia vender-se por bom preço e dar-se o dinheiro aos pobres. Mas o Senhor disse-lhes: Pobres sempre os tereis convosco; mas a mim nem sempre me tereis” (Mt 26,8-9.11). Aquela mulher tinha compreendido que Jesus era o Messias humilde e sofredor [...] A simplicidade daquele gesto revela algo grandioso. Nenhuma expressão de carinho, nem mesmo a menor delas, será esquecida, especialmente se dirigida a quem se encontra na dor, sozinho, necessitado, como estava o Senhor naquela hora [...] Por esta razão, recomendam-se as obras de misericórdia, qual sinal da autenticidade do culto [...] A relação com o Senhor pretende libertar-nos do risco de viver as nossas relações segundo a lógica do cálculo e das vantagens, abrindo-nos à gratuidade que existe entre aqueles que se amam. (*Dilexi te, DT 4,27*)

Muitas formas de pobreza. Existem muitas formas de pobreza: a daqueles que não têm meios de subsistência material, a pobreza de quem é marginalizado socialmente e não possui instrumentos para dar voz à sua dignidade e capacidades, a pobreza moral e espiritual, a pobreza cultural, a de quem se encontra em condições de fraqueza ou fragilidade pessoal ou social, a de quem não tem direitos, nem lugar, nem liberdade.

[...] Recordemos que “duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. E, todavia, também entre elas, encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo cotidiano na defesa e cuidado da fragilidade das suas famílias” ([Evangelii gaudium](#), EG 212). Embora em alguns países se observem mudanças importantes, “a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra” ([Fratelli tutti](#), FT 23), especialmente se pensarmos nas mulheres mais pobres. (*Dilexi te, DT 9,16*)

As mentalidades e a ideologia. O compromisso em favor dos pobres e pela erradicação das causas sociais e estruturais da pobreza, embora tenha adquirido importância nas últimas décadas, ainda continua insuficiente [...] As sociedades privilegiam, com frequência, linhas políticas e padrões de vida marcados por numerosas de-

sigualdades, e às antigas formas de pobreza acrescentam-se outras novas, por vezes mais sutis e perigosas.

Ao compromisso concreto com os pobres ocorre associar também uma mudança de mentalidades que tenha incidências culturais. Efetivamente, a ilusão de uma felicidade que deriva de uma vida confortável leva muitas pessoas a ter uma visão da existência centrada na acumulação de riquezas e no sucesso social a todo o custo, a ser alcançado mesmo explorando os outros e aproveitando ideais e sistemas injustos, favoráveis aos mais fortes [...] Os pobres não existem por acaso. Muito menos a pobreza é uma escolha, para a maioria deles. Há muitos homens e mulheres que trabalham de manhã à noite, embora saibam que este esforço servirá apenas para sobreviver e nunca para melhorar verdadeiramente as suas vidas – e não podemos dizer que a maioria dos pobres está nessa situação por não ter “méritos”, segundo a visão que só têm mérito aqueles que tiveram sucesso na vida.

Há quem continue a dizer: “O nosso dever é rezar e ensinar a verdadeira doutrina”. Mas, desvinculando este aspecto religioso da promoção integral, acrescentam que só o Governo deveria cuidar deles, ou que seria melhor deixá-los na miséria e ensinar-lhes antes a trabalhar. Além disso, assumem-se, às vezes, critérios pseudocientíficos para dizer que a liberdade do mercado levará naturalmente à solução do problema da pobreza. Ou ainda, opta-se por uma pastoral das ditas elites, defendendo-se que, em vez de perder tempo com os pobres, é melhor cuidar dos ricos, dos poderosos e dos profissionais, para que, por meio deles, seja possível alcançar soluções mais eficazes. É fácil perceber a mundanidade que se esconde por trás destas opiniões: elas levam-nos a olhar para a realidade com critérios superficiais e desprovidos de qualquer luz sobrenatural, privilegiando relações que nos tranquilizam e buscando privilégios que nos favorecem. (*Dilexi te, DT 10-14,114*)

Dizer não a uma economia que mata. “Há regras econômicas que foram eficazes para o crescimento, mas não de igual modo para o desenvolvimento humano integral. Aumentou a riqueza, mas sem equidade, e assim nascem novas pobreza” ([Fratelli tutti](#), FT 21).

É necessário continuar a denunciar a “ditadura de uma economia que mata” e reconhecer que “enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar. Tal desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela tutela do bem comum. Instaura-se uma nova tirania invi-

Luciney Martins/O SÃO PAULO



sível, às vezes virtual, que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras” (EG 56) [...] Devemos empenhar-nos cada vez mais em resolver as causas estruturais da pobreza. *(Dilexi te, DT 13,92-94)*

O trabalho e a promoção humana.

O auxílio mais importante para uma pessoa pobre é ajudá-la a ter um bom trabalho, para que possa ter uma vida mais condizente com a sua dignidade, desenvolvendo as suas capacidades e oferecendo o seu esforço pessoal. O certo é que “a falta de trabalho é muito mais do que a falta de uma fonte de renda para poder viver. O trabalho é isto, mas é também muito mais. Ao trabalhar, tornamo-nos mais pessoas, a nossa humanidade floresce, os jovens só se tornam adultos quando trabalham. A Doutrina Social da Igreja considera o trabalho humano como participação na criação que continua todos os dias, inclusive graças às mãos, à mente e ao coração dos trabalhadores” (FRANCISCO, *Discurso por ocasião do encontro com o mundo do trabalho na fábrica ILVA de Gênova*, 27/mai/2017). *(Dilexi te, DT 115)*

A opção preferencial pelos pobres.

A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós. “As agudas diferenças entre ricos e pobres nos convidam a trabalhar com maior empenho para ser discípulos que sabem partilhar a mesa da vida, mesa de todos os filhos e filhas do Pai, mesa aberta, inclusiva, na qual não falte ninguém. Por isso, reafirmamos

nossa opção preferencial e evangélica pelos pobres” (V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Mensagem final*, 29/mai/2007).

Para nós, cristãos, a questão dos pobres remete-nos à essência da nossa fé. A opção preferencial pelos pobres, ou seja, o amor que a Igreja tem por eles, como ensinava São João Paulo II, “é decisivo e pertence à sua constante tradição, impele-a a dirigir-se ao mundo no qual, apesar do progresso técnico-econômico, a pobreza ameaça assumir formas gigantescas” (*Centesimus annus*, CA 57). A realidade é que, para os cristãos, os pobres não são uma categoria sociológica, mas a própria carne de Cristo. Com efeito, não basta limitar-se a enunciar de modo genérico a doutrina da encarnação de Deus. Para entrar verdadeiramente neste mistério, é preciso especificar que o Senhor se faz carne, que tem fome e sede, que está doente e na prisão. “A Igreja pobre para os pobres começa pelo dirigir-se à carne de Cristo. Se nos fixarmos na carne de Cristo, começamos a compreender qualquer coisa, a compreender o que é esta pobreza, a pobreza do Senhor. E isso não é fácil!” (FRANCISCO, *Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, 18/mai/2013).

O coração da Igreja, por sua própria natureza, é solidário com os pobres, excluídos e marginalizados, com todos aqueles que são considerados “descartáveis” pela sociedade. Os pobres ocupam um lugar central na Igreja, porque “deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desen-

volvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (EG 186). No coração de cada fiel, encontra-se “a exigência de ouvir este clamor que deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, pelo que não se trata de uma missão reservada apenas a alguns” (EG 188).

“A pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual [...] A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, em uma solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG 200).

(Dilexi te, DT 99,110-114)

A esmola. Convém dizer uma última palavra sobre a esmola, que hoje não goza de boa fama, frequentemente nem mesmo entre os cristãos. Não só é raramente praticada, como às vezes é até desprezada [...] Não devemos correr o risco de deixar uma pessoa abandonada à própria sorte, sem o indispensável para viver dignamente. A esmola continua a ser um momento necessário de contato, encontro e identificação com a condição do outro. Para quem ama verdadeiramente, é evidente que a esmola não isenta as autoridades competentes das suas responsabilidades, nem elimina o empenho organizativo das instituições, muito menos substitui a legítima luta pela justiça. Ela convida, porém, a parar e a olhar nos olhos a pessoa pobre, tocando-a e partilhando com ela algo do que se tem.

(Dilexi te, DT 115-116)

Uma ‘questão familiar’. O cristão não pode considerar os pobres

apenas como um problema social: eles são uma “questão familiar”. Pertencem “aos nossos”. A relação com eles não pode ser reduzida a uma atividade ou departamento da Igreja [...] “Solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação. Não podemos esquecer que o próprio Jesus propôs isso com seu modo de agir e com suas palavras” (*Documento de Aparecida*, DAp 397).

[Diante da] parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,25-37), volta a pergunta que interpela cada um de nós: “Com quem te identificas? [...] Precisamos reconhecer a tentação que nos cerca de se desinteressar pelos outros, especialmente os mais frágeis. Crescemos em muitos aspectos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas” (FT 64) [...] As palavras finais da parábola evangélica – “Vai e faz tu também o mesmo” (Lc 10,37) – são um mandato que um cristão deve ouvir ressoar todos os dias no seu coração.

Quer por meio do vosso trabalho, quer por meio do vosso empenho em mudar as estruturas sociais injustas, quer por meio daquele gesto de ajuda simples, muito pessoal e próximo, será possível que aquele pobre sinta serem para ele as palavras de Jesus: “Eu te amei” (Ap 3,9). *(Dilexi te, DT 104-107,121)*

Caminhos de superação da pobreza no mundo atual

Antônio Carlos Alves dos Santos*

A pobreza é um problema econômico ou moral? É resultado da escolha individual ou consequência de um sistema econômico? Essas questões geram controvérsias e foram centrais nos debates sobre desenvolvimento econômico no século XX.

Quando vista como questão moral, a pobreza é interpretada como opção voluntária pelo ócio e aversão ao trabalho, o que a torna moralmente condenável. Se entendida como resultado das dinâmicas econômicas, a pobreza seria involuntária, e os pobres mereceriam apoio social e solidariedade.

Essa distinção entre pobreza voluntária e involuntária é equivocada. A pobreza não decorre da preferência pelo ócio nem de leis imutáveis do mercado. Historicamente, a explicação moral justifica o controle da riqueza por poucos, enquanto a explicação econômica radical sugere que o capitalismo deve ser abolido para eliminar a pobreza. Contudo, as duas explicações, vistas de forma assim esquemática, não se sustentam, em uma observação empírica da realidade social e da história.

Como superar a persistência da pobreza diante do aumento do patrimônio global desde a Revolução Industrial? Para responder, é necessário definir pobreza. A literatura distingue pobreza extrema, foco principal das políticas públicas, e pobreza relativa, que persiste mesmo em países desenvolvidos.

No Brasil, famílias com renda domiciliar *per capita* inferior a cerca de R\$ 218,00 (em 2024) são consideradas em pobreza extrema. A linha do Banco Mundial para pobreza extrema é US\$ 3,00 por dia (PPC 2021), e até US\$ 6,85 para pobreza moderada. Independentemente da linha usada, pobreza extrema indica incapacidade de suprir necessidades básicas essenciais à sobrevivência.

A pobreza extrema prevalece em muitos países da América Latina,



Luciney Martins/O SÃO PAULO

A pobreza é um fenômeno que ultrapassa simples medidas de renda, inclui a falta ou o acesso limitado a educação, saúde, segurança, habitação e participação política. Combatê-la exige estratégias que vão além de aumentar o rendimento monetário, abordando também suas causas e consequências.

África e Ásia, diferindo da pobreza relativa presente em países desenvolvidos, que embora menor em gravidade, ainda representa um problema social, dado que esses países possuem recursos para sua erradicação.

Existe fórmula para acabar com a pobreza extrema? Não há solução única e universal para combater a pobreza. O crescimento econômico já foi visto como suficiente, mas a experiência mostra que nem sempre isso ocorre.

Há países que registraram redução da pobreza acompanhando crescimento econômico, e outros em que a pobreza caiu sem crescimento significativo. A desigualdade de renda é fator crucial: quanto maior a desigualdade, menor o impacto do crescimento na redução da pobreza. No Brasil, a desigualdade alta restringe o alcance do crescimento sobre a pobreza.

Combater a pobreza exige reconhecer a interligação entre pobreza, crescimento econômico e desigual-

dade. Em países desiguais, o desenvolvimento econômico deve ser combinado com políticas específicas de transferência de renda.

Uma estratégia com resultados reconhecidos internacionalmente é a transferência condicionada de renda, que repassa recursos públicos para populações pobres mediante cumprimento de demandas específicas, como o programa Bolsa Família, que atualmente beneficia cerca de 19,6 milhões de famílias e condiciona a transferência à frequência escolar e a aplicação de vacinas. O programa tem contribuído para retirar milhões de pessoas da pobreza. Os estudos mostram que o programa contribuiu para a redução da pobreza e da desigualdade, estimulando a entrada dos beneficiários no mercado de trabalho (desafiando visões que associam transferência de renda à dependência econômica), e estimulam o desenvolvimento local. Outras políticas focadas em crianças, como educação gratuita de qualidade

e acesso à medicina preventiva, são fundamentais para romper o ciclo intergeracional da pobreza.

As análises sugerem, contudo, que as transferências condicionadas de renda não são suficientes para resolver a pobreza estrutural e devem ser complementadas por políticas de geração de emprego de qualidade e oportunidades no setor produtivo. A proteção social deve ser combinada com o desenvolvimento econômico. Programas de microcrédito, por exemplo, contribuem para a autonomia financeira das famílias, permitindo criação e manutenção de pequenos negócios, reduzindo a dependência das transferências.

Como os recursos são sempre limitados, é fundamental escolher medidas com maior impacto social e retorno econômico para ampliar o alcance das políticas de combate à pobreza extrema.

Com políticas bem desenhadas e implementadas, é possível reduzir significativamente a pobreza extrema em prazo relativamente curto. Sua erradicação completa demanda mais tempo, mas é viável se o crescimento econômico robusto vier acompanhado de redução da desigualdade.

* Professor de Economia na PUC-SP

Estado, mercado e sociedade na superação da pobreza

Assistência aos pobres, promoção e desenvolvimento humano, transformações políticas revolucionárias são vias conhecidas no esforço da humanidade para superar a pobreza. Todas têm limitações. A evidência histórica dos séculos XX e XXI mostra que abordagens integradas, combinando serviços sociais com investimentos em desenvolvimento humano, são as mais eficazes. Estratégias participativas e graduais superaram rupturas radicais na redução inclusiva e sustentável da pobreza. Isso não significa que grandes transformações políticas não sejam necessárias em boa parte dos casos, mas as revoluções costumam ter resultados incertos e não trazem o almejado bem-estar social.

As melhores soluções combinam promoção

humana (escolarização, melhoria das condições de saúde e habitação) com desenvolvimento econômico, criando as capacitações e oportunidades necessárias para superar a pobreza. As economias de mercado se mostraram mais eficientes para essa combinação e foram adotadas, ao menos parcialmente, até mesmo em países comunistas, como a China. Contudo, o mercado por si só não garante justiça social nem desenvolvimento humano. O Estado precisa estar presente tanto na efetivação de políticas sociais quanto na regulação dos mercados (como na aplicação de leis antitruste, existentes até nos Estados Unidos).

Com base em sua longa caminhada histórica em favor dos pobres, a Igreja Católica se deu conta

de que a superação das injustiças sociais não poderia acontecer sem o protagonismo da sociedade civil. Bento XVI, na *Caritas in veritate* (CV 38), considera que uma ordem social justa depende de três sujeitos trabalhando juntos: o mercado, o Estado e a sociedade civil – e, entre estes, valorizava a sociedade civil, como espaço privilegiado de solidariedade. O protagonismo da sociedade civil, demonstrado de modo exemplar em tantas iniciativas do Terceiro Setor, não exime o Estado de sua função social. Além disso, o controle social eficaz é condição necessária para evitar o abuso de poder tanto por parte de governos quanto de agentes econômicos.

(por Francisco Borba Ribeiro Neto)